

2 AS FACES DA REFORMA AGRÁRIA: O ASSENTAMENTO CANAÃ

2.1 Caracterização e limites do Canaã

O Assentamento Canaã situa-se no município de Bodoquena-MS, sudoeste de Mato Grosso do Sul, localizado entre as latitudes 20°40'0"s e 20°46'30"s e as longitudes 56°42'30"w e 56°50'0"w (Figura – 1) com uma área total de 4.360 hectares dividido em 248 lotes de 20 a 30 hectares cada, sendo 234 individuais e 14 comunitários¹⁶.

¹⁶ IDATERRA - MS, 2001.

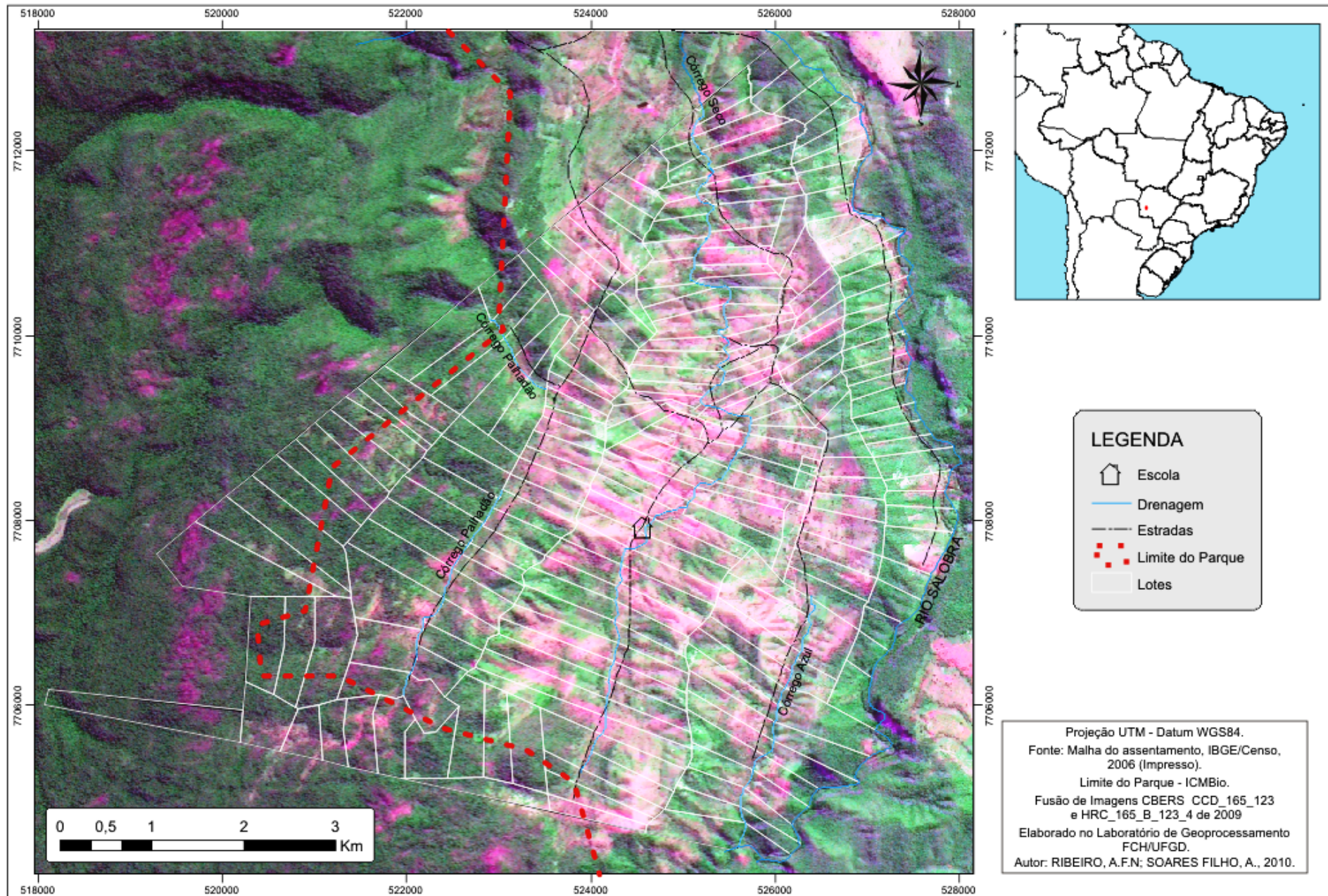


Figura 1 – Carta Imagem de localização do Assentamento Canaã.

2.2 Aspectos históricos da implantação do Assentamento Canaã

A má distribuição de terras no Brasil tem razões históricas, e a luta pela reforma agrária envolve aspectos econômicos, políticos e sociais. A questão fundiária atinge os interesses de um quarto da população brasileira que tira seu sustento do campo, entre grandes e pequenos agricultores, pecuaristas, trabalhadores rurais e os sem-terra.

De acordo com Oliveira (1982), Grupos econômicos apropriaram-se de vastas regiões do país, e, ao que se sabe, mantêm estas terras com fins puramente especulativos. Este fato ainda é muito presente no campo apesar de o autor se referir a década de 1980.

José Vicente Tavares dos Santos¹⁷ aponta em seus estudos que *o problema agrário no país está na concentração de terra, uma das mais altas do mundo, e no latifúndio que nada produz*. Em comparação com os vizinhos latino-americanos, o Brasil é campeão em concentração de terras. Não sai da liderança nem se comparado com países em que a questão é explosiva, como Índia ou Paquistão. Juntando tanta terra na mão de poucos e vastas extensões improdutivas, o Brasil montou o cenário próprio para atear fogo ao campo. É aí que nascem os conflitos, que nas últimas décadas deixaram centenas de mortos e feridos.

A respeito disso, Oliveira (1994, p. 85) argumenta que estes capitalistas detêm essa imensa área de terras com fins especulativos, porque a terra em nosso país é uma mercadoria de tipo especial. Ela aumenta de preço mesmo sem ser alocada para produzir.

Percebemos que este processo de concentração de terras vem se agravando mesmo em função das tentativas de amenizar este quadro. Vemos todos os dias vários acampamentos às margens de rodovias que caracterizam a busca de vários trabalhadores na tentativa de voltar às origens, pois a concentração ora explora, ora expropria o trabalhador rural, como nos mostra Martins (1982, p. 54):

[...] a questão agrária brasileira tem duas faces combinadas: a expropriação e a exploração. Há uma clara concentração da propriedade fundiária,

¹⁷ Pró-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

mediante a qual pequenos lavradores perdem ou deixam a terra, que é o principal instrumento de trabalho, em favor de grandes fazendas. Convém notar que esse processo hoje não é conduzido fundamentalmente pelos velhos e rançosos 'coronéis' do sertão, os famosos latifundiários a que se agrega o adjetivo de 'feudais' até há pouquíssimos anos. Esse processo agora é conduzido diretamente por grandes empresas capitalistas, nacionais ou multinacionais, com amplos incentivos financeiros do próprio Estado. O processo de expropriação, de diferentes maneiras, violentamente ou não, tem ocorrido no país inteiro.

De acordo com exposto, a situação vivenciada por uma parcela significativa do campo é de tensão, ora pela ameaça de perda de seu território, ora de perda de suas ocupações, uma vez que os grandes latifúndios demandam cada vez menos mão-de-obra. Além disso, quase sempre os postos de trabalho são ocupados por pessoas de outras localidades com mais qualificação técnica que os residentes nas áreas de conflito. A situação do campo brasileiro é de certa forma homogênea, pois as disparidades são constantes. Na região centro-oeste, que teve uma ocupação mais tardia em relação ao sul e sudeste, a situação de concentração é muito clara. Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, uma das atividades principais é a pecuária extensiva que necessita de uma grande extensão de terras.

A história de formação do Mato Grosso do Sul conta com um longo processo de concentração de terras e repressão aos movimentos de luta pela redistribuição das terras. Corroborando com este tema, Fabrini (2008) salienta que

A concentração de terras no sul de Mato Grosso do Sul está relacionada ao processo de ocupação e originou-se praticamente com a chegada dos europeus ao continente americano, que passaram a disputar, inclusive entre si, o domínio destas terras. A transferência de poder sobre a terra às oligarquias regionais mato-grossenses com a proclamação da república contribuiu ainda mais para concentração de terras, quando o governo vendia ou arrendava terras devolutas a grandes fazendeiros e empresas capitalistas.

[...]

Assim, a concentração de terras no sul de Mato Grosso do Sul não é necessariamente resultado da expropriação e aglutinação de pequenas propriedades no processo de expansão das relações capitalistas de produção. A estrutura fundiária altamente concentrada deve-se ao processo de ocupação de terras, ou seja, quando o Estado promoveu a transferências/venda de grandes áreas de terras públicas para proprietários fundiários. Portanto, a estrutura fundiária no Sul de Mato Grosso do Sul 'nasceu' concentrada. (p. 53-54).

O autor nos mostra a situação do Sul de Mato Grosso do Sul, mas a realidade do outro extremo do Estado não é diferente da referida região descrita anteriormente.

Muitas vezes, nos deparamos com tentativas de superação dessa realidade, como, por exemplo, os assentamentos de Reforma Agrária, que surgem na intenção de promover a melhor distribuição de propriedades rurais visando à desconcentração. Mas, nesse processo, vivenciamos diversos assentamentos criados em locais inadequados à produção de alimentos e sobrevivência das famílias inseridas nos projetos. Uma clara ideia desse fato é explicada por Menegat (2009), que discute a realidade do assentamento Taquaral em Corumbá. A autora o chama de “assentamento na lama e na areia” e ainda argumenta:

Os lotes do Taquaral, que a princípio haviam sido projetados como terra de trabalho agrícola, em poucos anos de uso, passaram a ser terra de criação de gado. [...] O solo sem condições naturais próprias ao cultivo agrícola, associado à falta de chuvas regulares, não propiciou a troca entre o homem e a natureza, em que o homem investe trabalho e em troca recebe a produção. Essa é a frustração que os assentados demonstram em relação a seus lotes no Taquaral, uma vez que desejavam plantar sementes, vê-las crescer e virar produtos, apresentando o resultado de seu trabalho. Hoje é necessário criar o gado, e de seu resultado, compram os bens que desejavam produzir. (2009, p. 150).

Conhecemos escassas informações sobre fatos como estes vivenciados por assentamentos, o que é explicado pelo número pequeno de pesquisadores/as que se dedicam a este tema, e/ou por simples desconhecimento dos fatos. Notamos que é uma realidade talvez comum aos assentamentos de Reforma Agrária, mas muito distante daquilo que acreditamos ser a solução para os problemas agrários do nosso Estado e, sobretudo, do Brasil.

A história do Assentamento Canaã que, neste trabalho é chamado somente de Canaã, expressão usada pelos assentados, começa através da ocupação de uma área improdutiva de 4.360 hectares que supostamente era terra devoluta, mas, com a ocupação, a ICONAVE S/A reivindicou a posse da área. A ocupação de terras é uma das formas encontradas pelos movimentos de luta pela terra para reivindicar o uso da terra. Nesta mesma linha de pensamento, Fernandes (1999) salienta:

Em seu desenvolvimento desigual, o modo capitalista de produção gera inevitavelmente a expropriação e a exploração. Os expropriados utilizam-se da ocupação da terra como forma de reproduzirem o trabalho familiar. Assim, na resistência contra o processo de exclusão, os trabalhadores criam uma forma política - para se ressocializarem, lutando pela terra e contra o assalariamento - que é a ocupação da terra. Portanto, a luta pela terra é uma luta constante contra o capital. É a luta contra a expropriação e contra a exploração. E a ocupação é uma ação que os trabalhadores sem-terra desenvolvem, lutando contra a exclusão causada pelos capitalistas e ou

pelos proprietários de terra. A ocupação é, portanto, uma forma de materialização da luta de classes.

Esse processo de luta para conquistar a terra, é tanto de reprodução quanto de produção do trabalho familiar, *porque a maior parte dos trabalhadores que participam dessa luta nunca tiveram terra, e parte nunca trabalhou no campo.*

[...]

A organização de uma ocupação decorre da necessidade de sobrevivência. Acontece pela consciência construída na realidade em que se vive. É, portanto, um aprendizado em um processo histórico de construção das experiências de resistência. Quando um grupo de famílias começa a se organizar com o objetivo de ocupar terra, desenvolve um conjunto de procedimentos que toma forma, definindo uma metodologia de luta popular. Essa experiência tem a sua lógica construída na práxis. Essa lógica tem como componentes constitutivos a indignação e a revolta, a necessidade e o interesse, a consciência e a identidade, a experiência e a resistência, a concepção de terra de trabalho contra a de terra de negócio e de exploração, o movimento e a superação. (p. 269-271) (Grifos do autor).

Na opinião do autor acima citado e de vários outros pesquisadores da área, a revolta e indignação dos camponeses os levam muitas vezes às margens de rodovias a fim de reivindicar sua *terra de trabalho*, haja vista que a *terra de negócio* já o explorou por muito tempo¹⁸. Dessa forma, a ocupação é uma forma de mostrar sua indignação à sociedade e lutar por seu direito, a terra.

O início das ocupações na área do Canaã se deu nos primeiros anos da década de 1980 e, assim, vários embates, até que em 1984¹⁹ começou a ser emitida a permissão de uso da terra, sendo concluído o processo somente em 1985. De acordo com relatos de assentados do Canaã, os colonos ficaram sabendo que esta área não tinha dono. Assim, organizaram um grupo de 80 famílias e ocuparam a área, demarcando suas posses através de “picadas” em meio à mata fechada.

Levando em consideração a forma como foram demarcados os lotes pelos colonos, no ano de 1986, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e o estado de Mato Grosso do Sul celebraram um convênio visando a medição, demarcação e regularização da gleba, procurando preservar as divisas já criadas pelos colonos para evitar confrontos. Após a conclusão dos trabalhos, houve uma sobreposição de 67,8 hectares de uma fazenda vizinha ao assentamento, de modo que 12 lotes estavam parcialmente dentro desta área, somente em 1994 o Estado adquiriu a área sobreposta²⁰.

¹⁸ Expressão usada por Martins, (1982).

¹⁹ Mato Grosso do Sul, 2000.

²⁰ IDATERRA-MS, (2001).

O assentamento Canaã foi consolidado entre a Serra da Bodoquena, cravado em meio aos morros e vales, sobre as rochas calcárias, com solos rasos e uma área altamente irregular. Nos períodos de intensas chuvas, como no final de 2009, as altas declividades proporcionam velocidade às enxurradas e deixam evidentes os problemas enfrentados pelos assentados, como explicitaremos mais adiante neste trabalho.

Essa situação ocorre, pois, de acordo com Olmos *et al.* (2010):

O Programa de Reforma Agrária, representado pelos projetos de assentamento não tem critérios ambientais, assim como não tinham os projetos de colonização. Não há diretrizes estratégicas para orientar onde e quando se criar os projetos de assentamento, não importando se está ou não assentando sobre ecossistemas sensíveis ou sob forte pressão antrópica ou além de sua capacidade de suporte.

No ano de 2000, foi criado o PNSB, UC de Proteção Integral, e este sobrepôs 34 lotes do assentamento Canaã, alguns parciais e outros completamente dentro do Parque, gerando um conflito que perdura até o momento e sem previsão de conclusão. Existe intenção da atual administração do Parque em regularizar a situação dos lotes inseridos na área da UC, mas o processo é bastante demorado e isto tem frustrado muito os assentados.

Este assentamento é como vários outros do estado de Mato Grosso do Sul um exemplo de descaso do poder público com as pessoas do campo, visto que várias pessoas passam dias sem sair de suas casas pelas condições das estradas (Quadro – 1), pontes, sem condições de irem à cidade, hospital, escola. Muitos assentados do Canaã residem em Bodoquena e retornam ao assentamento todos os dias para trabalhar nos lotes devido aos precários acessos.

Quadro 1 – Imagens das vias de acesso do Canaã em época de chuvas.



Fotos: Disponibilizadas pelos assentados do Canaã. (autoria desconhecida).

A divisão do assentamento é feita por linhas (Figura - 2): Linha do Salobra, a mais valorizada economicamente, por abrigar o Rio Salobra de água cristalina e também a cachoeira Boca da Onça, que mesmo sendo fora do assentamento está no limite e tem-se uma visão muito atraente do lado do Canaã; a Linha do Córrego Azul que abriga diversas belezas naturais, como o córrego de mesmo nome; a Linha do Córrego Seco onde fica a sede do assentamento e a escola; e por fim a Linha do

Palhadão que leva este nome por passar pela Serra do Palhadão, nesta linha temos as situações mais difíceis e também a sobreposição do Parque (Quadro – 2). No final desta linha, alguns lotes não contam nem com estradas, muito menos com energia elétrica, porque na época da construção das redes de distribuição não se tinham estradas e hoje ainda continuam sem.

Quadro 2 – Imagens do contraste entre as Linhas do Canaã.



Fotos: RIBEIRO, A.F.N., 2010.

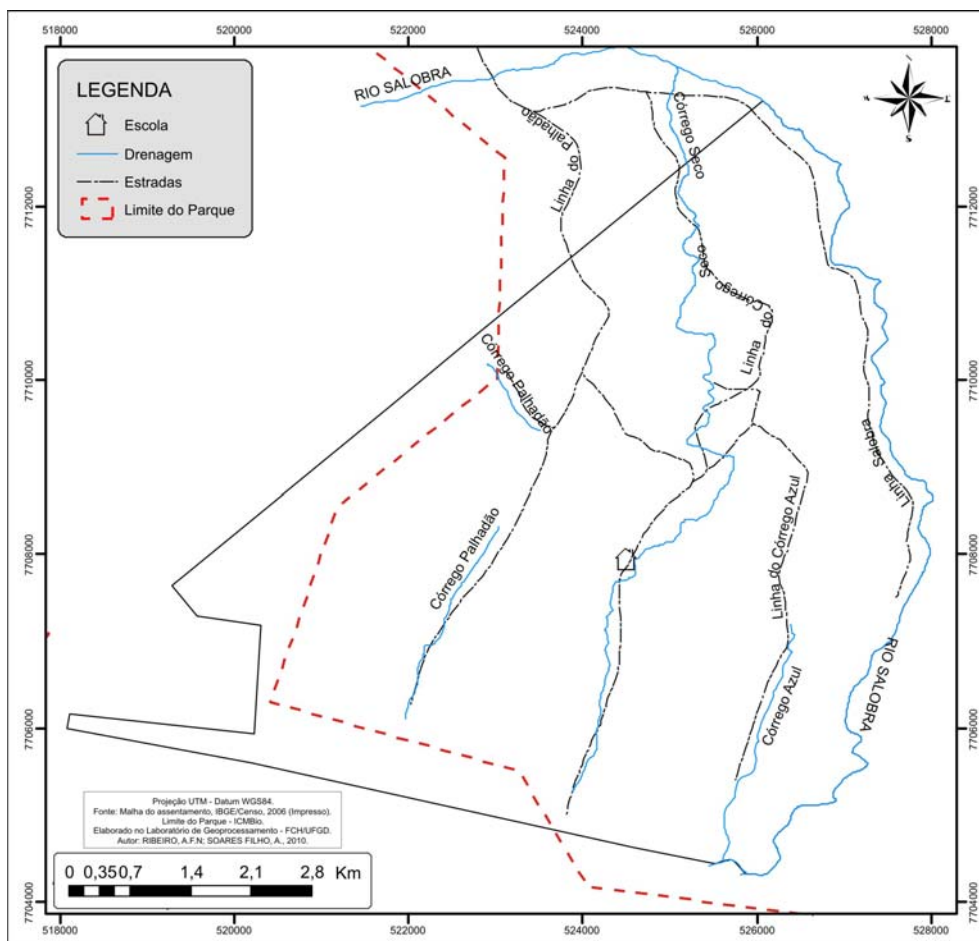


Figura 2 – Vias de acesso do Assentamento Canaã

Neste trabalho, buscamos entender o processo criado para estas famílias, primeiro em uma área imprópria para assentamento, levando em consideração a alta declividade e os afloramentos rochosos da área, e segundo com a sobreposição de uma UC de Proteção Integral, o que inviabiliza muitas famílias de permanecerem em seus lotes.

2.3 Atividades econômicas principais no Assentamento Canaã

Atualmente, a principal atividade econômica no Canaã é a criação de gado de corte e leite, e a maioria dos assentados possuem outra atividade além de produzir no lote com o objetivo de complementar a renda. Estas atividades são muitas vezes fora do assentamento, e com isso percebemos um grande número de assentados que moram na cidade de Bodoquena e se deslocam diariamente para seus lotes para exercer suas funções, caracterizando o que Menegat (2009) chama

de *lote de trabalho* para muitos. Além deste fato, muitos lotes foram vendidos ou abandonados por falta de condições de produção.

De acordo com a classificação geral do solo, no assentamento, a classe encontrada é o chernossolo²¹, que possui uma fertilidade natural elevada como nos relatou o representante da Agraer de Bodoquena, quando perguntamos se a área era apropriada para um assentamento:

Ali foi uma área muito rica em madeira, e o pessoal se empolgou principalmente pelo extrativismo, e o solo apresenta características incríveis, que apesar da topografia não se tem erosão, a capacidade de suporte de pastagem lá é impressionante, que é de 2 a 3 cabeças por hectare e a gente não vê erosão apesar da declividade que em muitas áreas estão acima de 45 graus que na minha opinião poderia implantar alguma coisa de silvo pastoril, com árvores e pastagem que ajudaria a conservar melhor o solo. (SEBASTIÃO (Agraer-MS). Entrevista gravada em fevereiro de 2010).

Realmente, o solo no assentamento apresenta características muito favoráveis em termos de fertilidade, entretanto as condições topográficas e os afloramentos inviabilizam a produção de alimentos, objetivo principal da criação de assentamentos.

O acesso a técnicas adequadas de correção do solo bem como a mecanização do mesmo poderia ser uma das alternativas ao Canaã, mas este tipo de procedimento esbarra na falta de recursos financeiros e apoio técnico do estado para promover este tipo de acompanhamento no assentamento, e quanto mais o solo é utilizado de forma inadequada a tendência é o agravamento da situação de debilidade do solo. As imagens, a seguir, nos indicam um pouco a realidade descrita.

²¹ O aproveitamento agrícola do chernossolo é severamente prejudicado devido à proximidade do substrato rochoso com a superfície, determinando sua recomendação para preservação da flora e fauna, este tipo de solo é bastante limitado quanto ao uso e manejo devido à pouca profundidade e ao alto índice de afloramentos rochosos. Cardoso, *et al.* (2002).

Quadro 3 – Imagens dos afloramentos rochosos do Canaã.



Fotos: RIBEIRO, A.F.N., 2010.

Percebemos que, de acordo com as imagens acima, a intensa declividade e o elevado número de afloramentos rochosos dificultam algumas formas de cultivo da terra, restando à maioria dos assentados a única alternativa que é a pastagem para criação de gado e isso já causa alguns transtornos, pois observamos em alguns pontos erosões. Ao levar em consideração que muitas áreas do assentamento ultrapassam os 45° de declividade²², este fato pode ser agravado, já que várias áreas não contam mais com vegetação natural, como demonstra a sequência de fotos abaixo.

²²Trabalharemos melhor este tópico a seguir.

Quadro 4 – Imagens de início de processo erosivo no Canaã.



Fotos: RIBEIRO, A.F.N., 2010.

A forma de uso do solo no Canaã aliada ao desmatamento e altas declividades em períodos chuvosos, como em dezembro de 2009, causou muitos estragos no assentamento, como deslizamentos de terra, queda de rede de energia e de casas, como também estradas intransitáveis e outros estragos (Quadro – 5).

Quadro 5 – Consequência das chuvas do mês de dezembro de 2009 no Canaã.

Consequência das chuvas para as estradas



Rede de energia danificada pela força da enxurrada

Parte da casa arrancada pela enxurrada

Fotos: Disponibilizadas pelos assentados do Canaã. (autoria desconhecida).

Estas situações de relevo, solo, estradas, entre outras, provocam o sentimento de frustração entre os assentados, por não conseguirem produzir para seu sustento. A solução encontrada por muitos é a venda do lote em busca de novas terras com melhores condições de produção, e devido às condições financeiras a alternativa é voltar para acampamentos e esperar um novo lote de reforma agrária e que este ofereça condições favoráveis ao cultivo do solo.

Encontramos um fato bastante semelhante ao Canaã lendo Menegat, (2009) que nos fala do assentamento Taquaral em Corumbá, de acordo com a autora:

[...] São erros como estes, de assentar famílias em áreas sem vocação agrícola e que deveriam ser de reserva florestal, que impulsionam parte das famílias que estão no Taquaral, lugar inicialmente marcado pela esperança, a dele sair. São pessoas que tentaram mudar a situação de seus lotes por intermédio da aplicação de seu trabalho, mas obtiveram insucesso. (p. 150).

Este fato é muito presente nas falas dos assentados, como fica evidente nos trechos a seguir:

Olha depois que eu cheguei lá eu ouço o pessoal dizer, essa área aqui não era para ser assentamento, era para ser reserva florestal e dou razão neste ponto, porque na época *invadiram* depois foram retirados, aí invadiram novamente, até que conseguiram a área, mas para mim ali não é lugar para assentamento, ali tudo deveria ser área de preservação, devido as cachoeiras, os rios. (Gisélia Soares. Fevereiro de 2010).

Na época se falava muito que essa área não tinha dono, como tinha uma comunidade na cidade que não tinha terra e gostaria de adquirir eles *invadiram* isso aqui, houve uma luta por essas terras aqui. Essa é a concepção, era uma terra de ninguém, que alguém queria ocupar. Acho que é por isso, porque a terra não são as melhores, porque hoje você vê que na questão agrícola ela não favorece, nunca favoreceu, as pessoas que adquiriam o sitio, faziam a primeira planta e na segunda já plantava braquiária, porque não tinha como trabalhar na área. (Claudia Solange. Fevereiro de 2010) (Grifo nosso).

Quando nos entramos lá que a terra era conveniente nos colhia de tudo: arroz, feijão, milho. Hoje com tempo e o terreno muito acidentado e chuva, ai vai lavando a terra e virando só pedra, e as pragas vem também. Ai agora só tenho uma baixada lá que planto milho, mandioca e cana. Eu tenho gado lá agora, porque se quero colher milho tenho que plantar no meu genro que tem lote no Assentamento Campina, ai colho e levo para o Canaã.

A produção aqui no Canaã até dá para o sustento, mas tenho que interar com as duas hectares que eu planto no lote do meu genro no Campinas. (José Geraldo. Fevereiro de 2010).

Percebemos nas falas e na leitura de Martins (1982) que no caso do Canaã foi criado um assentamento em local totalmente inadequado, ou seja, tentou-se transformar terra de preservação em terra de trabalho, caso que muitas vezes não retorna à produção esperada em termos de alimentos. Com isso, alguns assentados deixam o local tão esperado por não oferecer condições de produção e vendem seus lotes muitas vezes para pessoas que visam à exploração capitalista da terra, isto é, transformá-la em terra de negócio que, de acordo com Martins (1982),

Quando o capital se apropria da terra, esta se transforma em *terra de negócio*, em *terra de exploração* do trabalho alheio: quando o trabalhador se apossa da terra, ela se transforma em *terra de trabalho*. São regimes distintos de propriedade, em aberto conflito um com o outro. Quando o capitalista se apropria da terra, ele o faz com o intuito do lucro, direto ou indireto. Ou a terra serve para explorar o trabalho de quem não tem terra; ou a terra serve para ser vendida por alto preço a quem dela precisa para trabalhar e não a tem. Por isso, nem sempre a apropriação da terra pelo capital se deve à vontade do capitalista de se dedicar à agricultura. (p. 60) (Grifos do autor).

Contribuindo com as ideias de Martins (1982), Fernandes (2010) nos chama a atenção para forma de organização dos territórios do agronegócio e do campesinato, segundo ele:

Porque los territorios del campesinado y los territorios del agronegocio son organizados de formas distintas, a partir de diferentes relaciones sociales. Un ejemplo importante es que mientras el agronegocio organiza su territorio para producción de mercancías, el campesinado organiza su territorio para su existencia, necesitando desarrollar todas las dimensiones de la vida. (FERNANDES, 2010: p. 2).

Movidos pela falta de alternativas, muitos assentados simplesmente vendem ou abandonam seus lotes e partem em busca de novas oportunidades, trabalhando como empregados em fazendas ou voltam à cidade de Bodoquena ou simplesmente retornam à condição de acampado em busca de um pedaço de chão onde possam produzir para seu sustento e de sua família. Outros assentados que permanecem no lote não vêem outra forma a não ser formar seu lote com braquiária ou outras variedades de pastagem para criação de gado de corte e produção de leite, pois estas têm sido as atividades que têm garantido a permanência de vários colonos (Quadro – 6).

Quadro 6 – Destino do lote em busca de sobrevivência do assentado.



Fotos: RIBEIRO, A.F.N., 2010..

No entendimento das pessoas que lutam durante boa parte de sua vida por um pedaço de chão, onde possam cultivar a terra e dela tirar seu sustento, a reforma agrária não é vista como um movimento de redistribuição de terras e sim como uma forma de vencer as desigualdades construídas ao longo da história. Corroborando com esta ideia, Rivero (2010) argumenta que

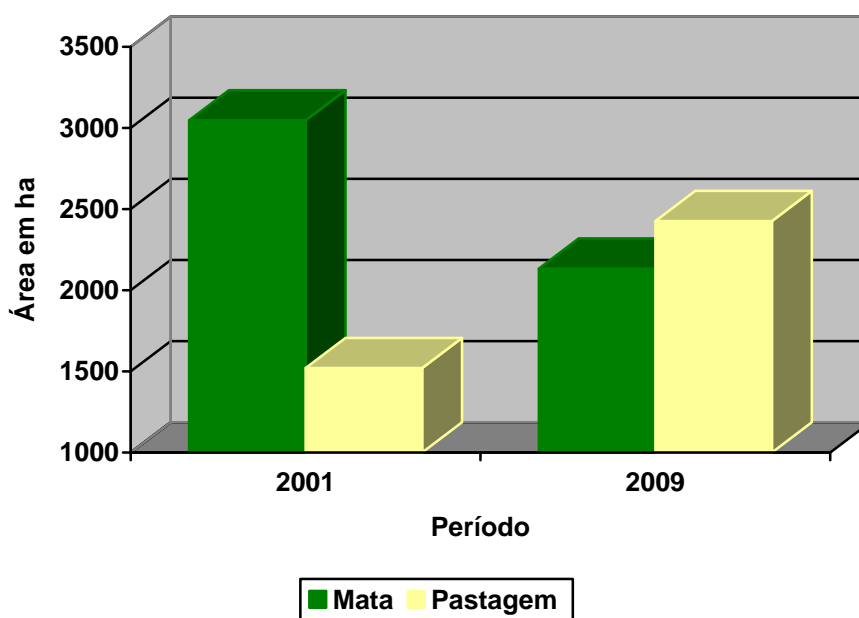
La lucha por la tierra es, en la experiencia de los campesinos latinoamericanos, una tarea que excede la simple redistribución de la tierra, ya que ese tipo de reformas no pudieron dotar al campesino de verdaderas posibilidades de desarrollo que le permitan salir de sus condiciones estructurales de atraso, marginación, explotación y pobreza. (p. 10).

Baseados no autor e na história dos assentados no Canaã, verificamos a mudança de padrões culturais ou simplesmente a busca por uma nova forma de produção ou um novo pedaço de terra.

Conforme Pereira (2005, p. 85), “A bonivocultura de corte é a atividade econômica mais praticada no assentamento (mais de 90% dos assentados), ocupando em média uma área que varia entre 45% e 50% do lote”.

Este fato é visível quando analisamos o uso do solo no assentamento, visto que através da classificação de imagens de satélites, notamos o aumento da área de pastagem. Optamos pela utilização da classificação de imagens de satélite de 2001 e 2009, para análise da evolução do desmatamento e as formas de uso do solo no assentamento.

Apresentamos, a seguir, os mapas de uso do solo de 2001 e 2009 (Figuras – 4 e 5), respectivamente, e com base nos mesmos houve um aumento de 900 hectares na área de pastagem em menos de 10 anos²³. A concentração de pastagem é notada nas Linhas do Salobra e Linha do Córrego Seco, enquanto a Linha do Palhadão concentra a maior parte preservada nos dois períodos (2001 e 2009). No gráfico abaixo, podemos compreender a evolução da pastagem no Canaã.



Fonte: Figuras 3 e 4 (Dados extraídos do mapeamento de uso da terra).

Figura 3 – Análise do uso da terra do Assentamento Canaã no período de 2001 a 2009.

²³ Devemos considerar a diferença existente entre as imagens analisadas, pois a imagem de 2001 possui o pixel de 30 metros enquanto a imagem de 2009 através da fusão resultou o pixel de 2,7 metros.

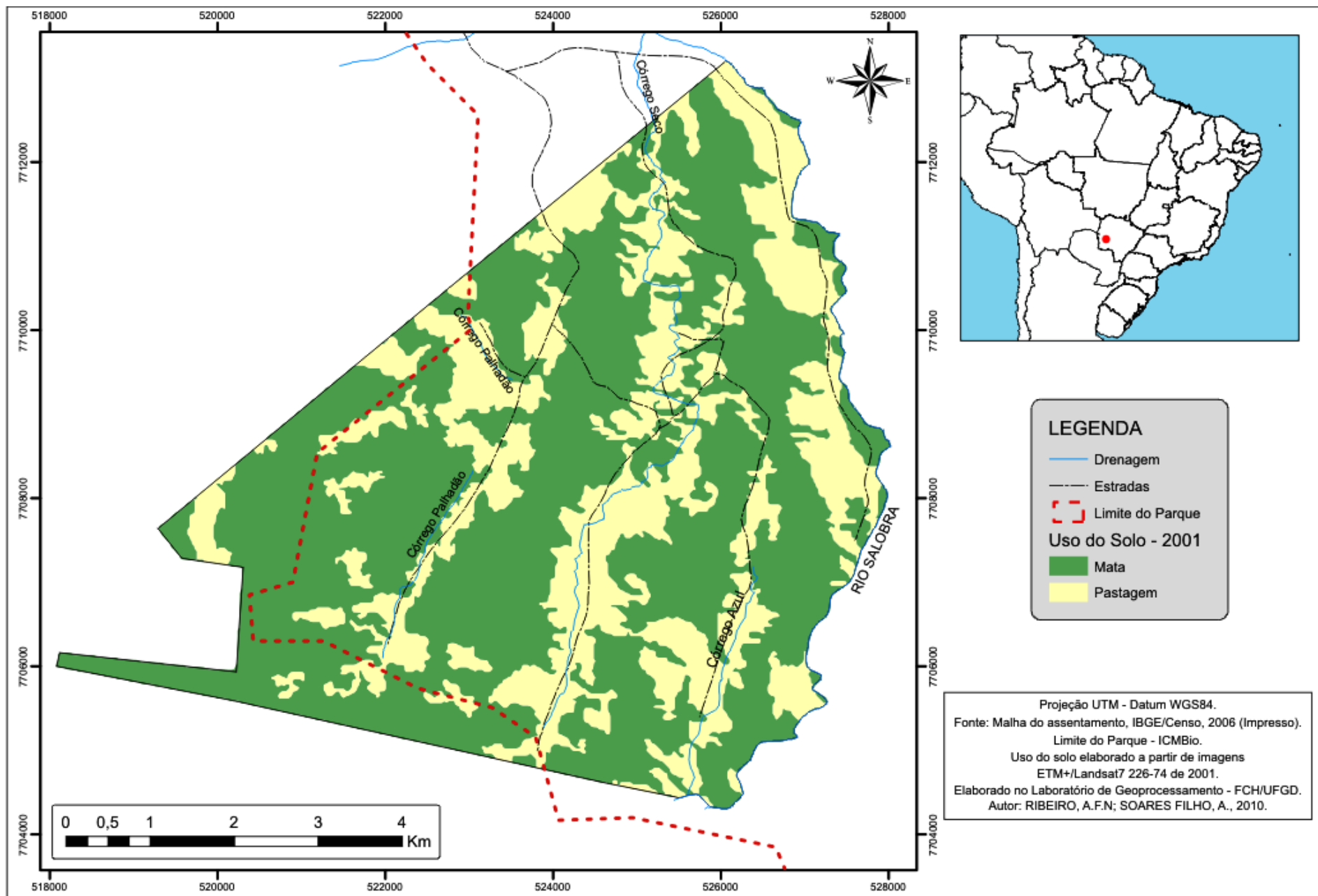


Figura 4 – Uso da terra no Assentamento Canaã no ano de 2001.

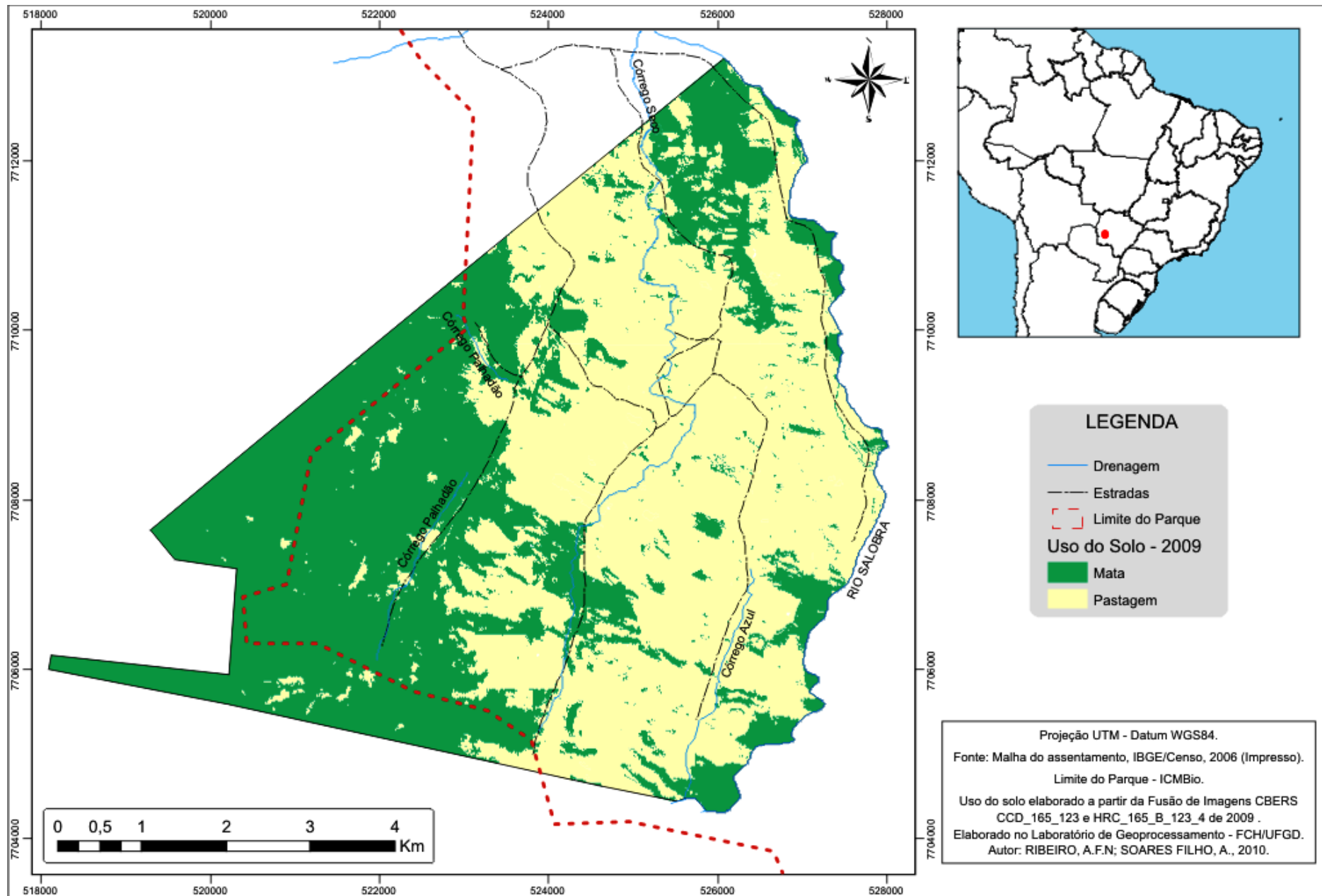


Figura 5 - Uso da terra no Assentamento Canaã no ano de 2009

Podemos notar o surgimento em vários lotes da criação de carneiros de forma incipiente, pois a criação convive bem com o gado e fornece lã e carne (Quadro – 7).

Quadro 7 – Criação de animais no Canaã.



Fotos: RIBEIRO, A.F.N., 2010.

Além da pecuária, surgem na Linha do Salobra²⁴ alguns proprietários de lotes motivados pela atividade turística. Alguns com muita estrutura e outros apenas com trilhas nos lotes. A maioria das pessoas que trabalham com turismo nos lotes não é assentada e sim compradores, e várias nem se quer residem nos lotes e estes geralmente são os locais melhores estruturados, sendo cuidados por empregados.

Existem pessoas que compram o lote simplesmente para exploração econômica da terra, como no caso acima em que empresários ligados ao turismo buscam no Canaã alternativas para exploração de mão-de-obra e das próprias belezas naturais, uma vez que a região é cercada de morros e rios de água cristalina. Sobre a discussão de atividade turística, recorreremos a Moretti (2002, p. 15): “[...] esta atividade está inserida no processo geral de produção capitalista, sendo uma das formas encontradas pelo capital para sua reprodução, portanto é uma atividade complexa que está inserida em um processo geral de acumulação”.

Diante deste fato, analisamos a exploração da atividade turística em alguns lotes do assentamento como forma de exploração da terra e do trabalho, caracterizando como terra de negócio, uma vez que alguns empreendimentos podem se instalar no assentamento. Isso ocorre pelo fato de o mesmo estar muito

²⁴ A Linha do Salobra é a linha mais valorizada do assentamento, pois o Rio Salobra é o limite leste do assentamento e conta com águas cristalinas e vários cânions e quedas d’água.

próximo do PNSB e qualquer infraestrutura montada para o Parque pode beneficiar empreendimento no entorno.

2.4 Leitura Fisiográfica do Assentamento Canaã

O assentamento Canaã foi consolidado no interior da Serra da Bodoquena, ocupando três vales que, originalmente, eram cobertos por Floresta Estacional com altimetrias variando de 140 metros no vale do Salobra, e chegando a 710 metros na área de sobreposição do Parque (Figura - 6). Os limites do assentamento são a leste o Rio Salobra e a oeste o PNSB.

Um fato marcante no assentamento é a alta declividade, que em alguns pontos ultrapassa 45^o, e isto está aliado à característica do solo encontrado que é chernossolo, com pouca profundidade e este está assentado sobre a rocha ou material de origem. Isto pode acarretar muita erosão²⁵ e, conseqüentemente, perda de solos, ainda mais somado ao nível de desmatamento da área (Quadro - 8). Notamos em várias áreas a quantidade elevada de rochas expostas (Quadro - 3) e vários afloramentos rochosos, e levando em consideração o tipo de uso dado pelos assentados sem o devido cuidado de conservação do solo certamente este problema será agravado.

²⁵ Devido a declividade e a retirada da cobertura vegetal este procedimento diminui a resistência do solo e conseqüentemente aumenta a susceptividade a erosão.

Quadro 8 – Vales e morros desmatados no Canaã.

Vale e morro completamente descoberto da vegetação original e formado com pastagem.



Morro com desmatamento recente para o plantio de pastagem



Fotos: RIBEIRO, A.F.N., 2010.

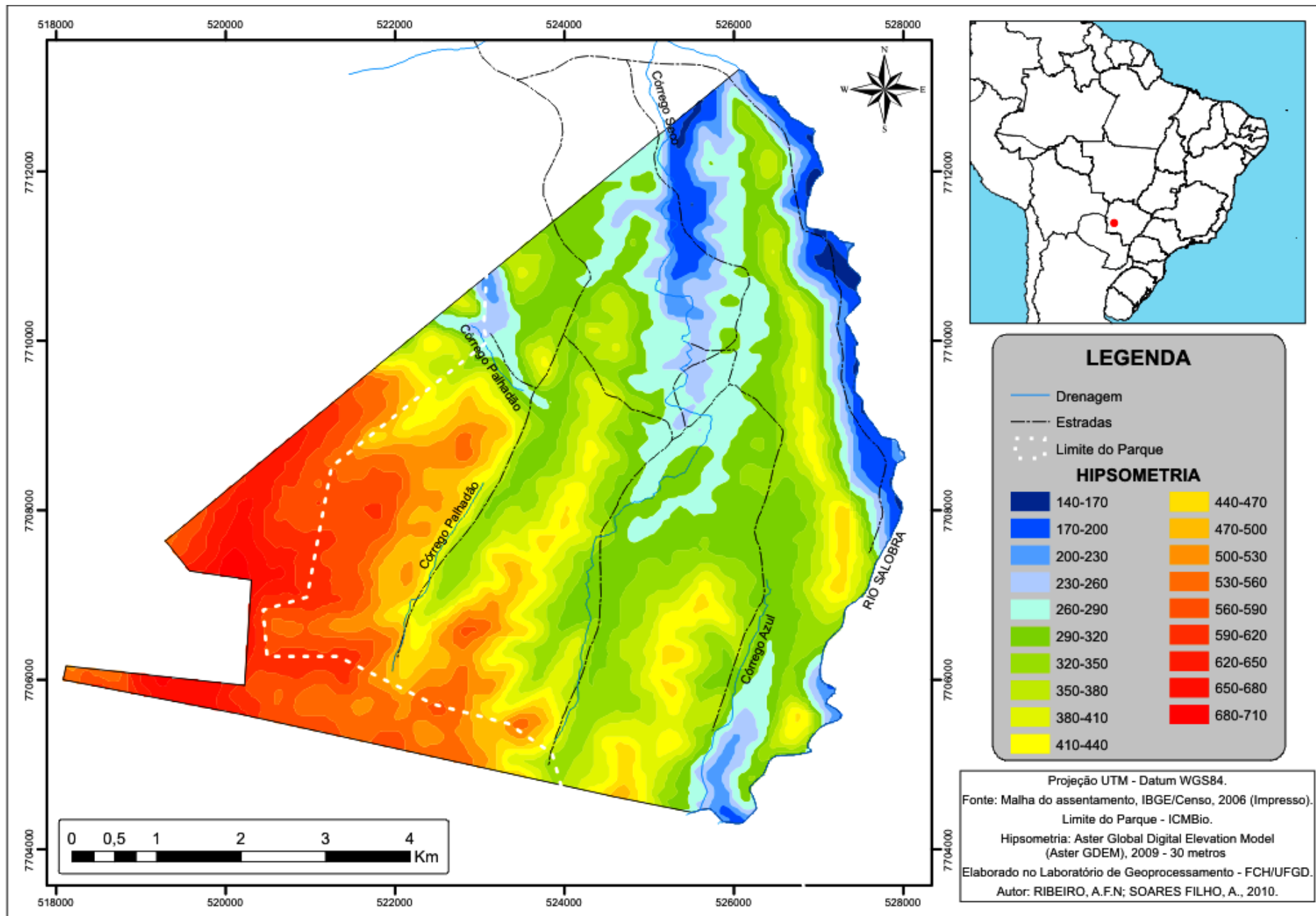


Figura 6 – Hipsometria do Assentamento Canaã.

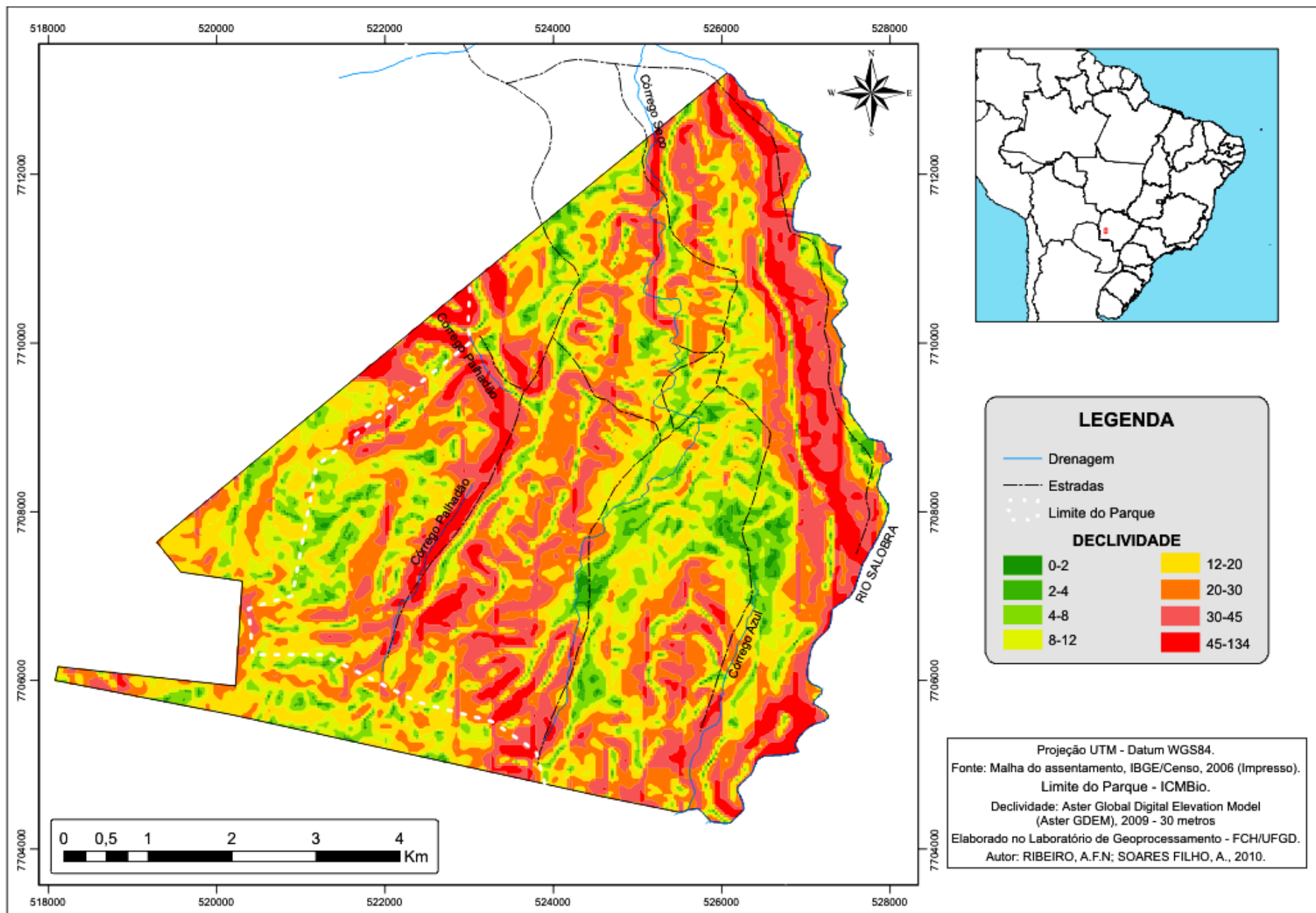


Figura 7 – Declividade do Assentamento Canaã.